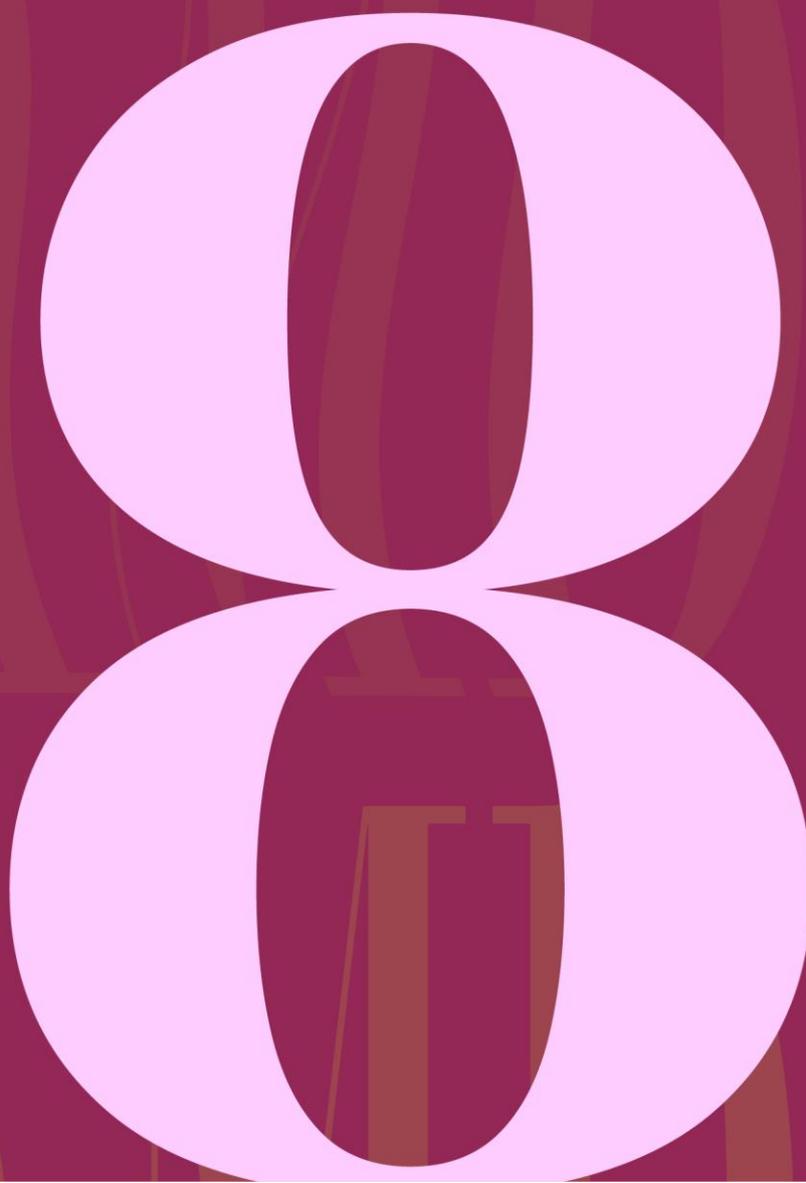


O bordado manual na arte-educação para pessoas surdas

Manual embroidery in art-education for the deaf

El bordado a mano en la educación artística para personas sordas

Elaine Jansen Pereira¹



Resumo

O presente artigo visa descrever a experiência vivenciada com mulheres e homens surdos da cidade de Canavieiras, no estado da Bahia, durante um curso de bordado desenvolvido ao longo de três meses. O curso, que foi uma ação elaborada para um projeto institucional na área da educação inclusiva do Ministério Público do Estado da Bahia, buscou apresentar as técnicas do bordado manual bem como dialogar sobre a cultura afro-brasileira local. Esta experiência com a comunidade surda canavieirense foi de suma importância para compreender como estas pessoas absorvem os ensinamentos, como expressam seus aprendizados e o que conhecem sobre o que é cultura afro-brasileira. Neste sentido, será apresentada uma reflexão sobre as potencialidades do bordado, na perspectiva da arte-educação, a partir da relação entre a educação das relações étnico-raciais e da educação inclusiva para estudantes surdos e, com isto, gerar reflexões sobre como desenvolver novas formas de ensino do bordado manual.

Palavras-chave: Arte-Educação; Bordado manual; Educação inclusiva; Prática de ensino.

Abstract

This article aims to describe the experience with deaf women and men in the city of Canavieiras, in the state of Bahia, during an embroidery course developed over three months. The course, which was an action designed for an institutional project in the area of inclusive education of the Public Ministry of the State of Bahia, sought to present manual embroidery techniques as well as discuss local Afro-Brazilian culture. The experience as an art educator for deaf people was extremely important to understand how they absorb the teachings, how they express their learning and what they know about Afro-Brazilian culture. In this sense, a reflection will be presented on the potential of embroidery, from the perspective of art education, based on the relationship between the education of ethnic-racial relations and inclusive education for deaf students and, with this, pointing out new ways of teaching embroidery embroidered with.

Keywords: Art-education; Hand embroidery; Inclusive education, Teaching practice.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo describir la experiencia con mujeres y hombres sordos en la ciudad de Canavieiras, en el estado de Bahía, durante un curso de bordado desarrollado durante tres meses. El curso, que fue una acción diseñada para

¹ Elaine Jansen (1982) é Figurinista, Maquiadora Artística e Bordadeira autodidata. Especialista em Arte-educação pela UFBA (2022). É membro da Coordenadoria de Cursos e Eventos COCEX/PREX da UFDPAR desde 2024. E-mail: ejp.jansen82@hotmail.com. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5782358151185162> ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-2802-4012>.

un proyecto institucional en el área de educación inclusiva del Ministerio Público del Estado de Bahía, buscó presentar técnicas de bordado manual así como discutir la cultura afrobrasileña local. La experiencia como educadora de arte para personas sordas fue sumamente importante para comprender cómo absorben las enseñanzas, cómo expresan sus aprendizajes y qué saben sobre la cultura afrobrasileña. En este sentido, se presentará una reflexión sobre las potencialidades del bordado, desde la perspectiva de la educación artística, a partir de la relación entre la educación de las relaciones étnico-raciales y la educación inclusiva para estudiantes sordos y, con ello, señalar nuevas formas de enseñanza del bordado con.

Palabras clave: Educación artística; Bordado manual; Educación inclusiva; Práctica docente.

1 Introdução

O ato de bordar é uma técnica milenar que atravessa todas as civilizações. A partir da criação de um desenho, as linhas e agulhas preenchem desenhos em tecidos dando volume e gerando um produto que poderá servir tanto para decorar um ambiente quanto um vestuário. No mundo contemporâneo, os tecidos deixaram de ser a única base para a produção deste fazer. Com o crescimento do interesse pelo bordado, outras bases passaram a fazer parte deste universo, tais como: madeira, folhas secas, papel, telas aramadas, plástico e, até mesmo, utensílios domésticos que seriam descartados como uma peneira.

Aqui no Brasil, esta prática está presente nas mais diversas culturas e se mantém ativa em diferentes regiões do país. Ponto cruz, barafunda, richelieu, vagonite, bordado livre, redendê, bordado filé, bordado em pedrarias, entre tantos outros tipos produzindo padrões visuais que contemplam os mais variados estilos. Vale destacar que esta técnica manual possui uma trajetória muito conectada com a educação uma vez que, historicamente entre os séculos XIX e XX, o bordado foi introduzido nos espaços escolares, principalmente, para ensinar as meninas.

No Brasil colônia, o ensino do bordado além do ambiente doméstico se deu, primeiramente, nas instituições chamadas de Recolhimentos, que eram lugares onde se acolhiam meninas órfãs, viúvas e esposas durante a ausência de seus maridos, tendo como finalidade a educação da mulher e o resguardo de sua integridade sexual. Já que Portugal tinha uma política contra a implantação de conventos na colônia com a justificativa de que isso prejudicaria o povoamento. Com o surgimento da república, veio a implantação do ensino público no Brasil, e de acordo com os moldes portugueses. Algumas instituições se dedicavam a educação feminina, que incluía o ensino do bordado (Sousa, 2012, p.9).

Com o passar do tempo, o ensino de bordado saiu dos espaços de educação formal e se fixou em outros locais: institutos, ONGs e centros de educação. Passou a ser ofertado não somente para meninas e mulheres, mas também para homens que se interessavam pela prática do bordar.

Ao se analisar a arte manual, no caso deste trabalho, expressada pelo bordado em relação à educação, percebe-se que estas habilidades manuais podem ser ferramentas didáticas, sem distinção de gênero. E, por ser uma arte visual, é possível também estabelecer uma relação com as práticas escolares apresentadas para pessoas surdas uma vez que elas buscam decifrar o mundo ao seu redor a partir

do uso da visualidade e, com isso, práticas educativas que valorizem o processo de aprendizagem e comunicação através de ações visuais tendem a ser mais efetivas. De acordo com Andreza Cruz (2016), a elaboração cultural da pessoa surda e a compreensão acerca de si mesmo e do mundo são captadas pela visão. Neste sentido, as experiências de aprendizagem devem, também, se basear nesta perspectiva.

Além disso, é importante compreender que estes sujeitos também são dotados de identidades múltiplas já que estas são construídas a partir das relações sociais em que estão inseridas. Se antes a surdez era compreendida apenas pelo viés biológico, clínico, atualmente, faz-se necessário ampliar o campo de análise para compreender os anseios sociais, econômicos e profissionais que estas pessoas buscam. Assim, considera-se que, dentre tantas identidades que compõem, integram a comunidade surda, encontram-se as pessoas negras surdas.

Sentir-se pertencente à categoria dos negros surdos é, antes de tudo, conhecer para valorizar saberes culturais e históricos do continente africano além de entender como estes chegaram até o continente brasileiro. É por meio deste conhecimento que a pessoa se reconhece dentro da cultura negra africana e/ou afro-brasileira e, assim, consegue construir uma identidade que esteja em sintonia com estes saberes. No entanto, apesar de alguns avanços conquistados, como a implementação da Lei Federal nº 10.639/03, que traz a obrigatoriedade do ensino da cultura e história africana e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino, percebe-se que muitas práticas educacionais ainda não estão de acordo com o quanto enumerado desta legislação. Como pontua Kabengele Munanga (2019), é imprescindível que educadores se comprometam com a construção de práticas e metodologias educacionais antirracistas que favoreçam a estruturação de identidades relacionadas com a comunidade negra.

Isso posto, este artigo apresentará uma análise breve do trabalho que ocorreu com a comunidade surda localizada na cidade de Canavieiras/BA. A partir do projeto “Mãos que Falam e Bordam,” trabalho apresentado sob formato de curso, para o projeto “Educação Inclusiva - todas as escolas são para todos os alunos”, do Ministério Público do Estado da Bahia, foram desenvolvidas atividade de bordado manual com linhas, miçangas, vidrilhos, canutilhos e paetês a partir de leitura de um

texto literário sobre a diáspora negra brasileira, pesquisa, produção de desenhos, ilustrações, imagens e vídeos sobre elementos e personagens da cultura afro-brasileira. Realizado no ano de 2019, em parceria com a Associação de Surdos de Canavieiras/ASSUC, a Secretaria Municipal de Educação e a ONG Giardino Degli Angeli, o projeto contou com a participação de dez alunos surdos, entre mulheres e homens, com idade entre 30 e 60 anos, em encontros semanais, durante 3 meses.

2 História ponto a ponto

Compreende-se o bordado manual com uma linguagem visual que tece diálogos com a cultura popular e a arte contemporânea, reunindo a tradição cultural e a oralidade nos seus processos de aprendizagens e ao possibilitar a ação de intervir sobre um cotidiano. Para construir esse diálogo, busca-se apresentar, nesta seção, a história do bordado manual através de um breve histórico das suas raízes afro-brasileiras e o seu contexto simbólico construído por seus pontos e materiais.

O ato de bordar é uma técnica que surge na pré-história por uma necessidade humana de proteger o corpo do frio. Para a produção destas peças, naquele contexto, utilizavam agulhas feitas de ossos, peles de animais e fios de fibras. Os pontos que iam dando forma àqueles vestuários ficaram conhecidos, na atualidade, como ponto cruz. Com o passar do tempo outros materiais foram sendo incorporados ao ato de bordar manualmente e essa técnica ganha outra finalidade: adornar o corpo.

Entre as culturas e os materiais que são raízes para o bordado afro-brasileiro, no interesse do recorte deste artigo, destacamos o bordado na Babilônia antiga, no Antigo Egito, as miçangas como material simbólico e o bordado Barafunda.

Foram com os babilônios, a partir de 3500 ac, que se iniciou o que atualmente chamamos de bordado decorativo, que na linguagem mais comum é conhecido como customização. A cultura babilônica é reconhecida, historicamente, por seu grande desenvolvimento em diferentes áreas e com destaque para o vestuário. O que caracterizava suas vestes era o uso das amarrações presas ao redor do corpo com presilhas em substituição às costuras; e os ricos ornamentos com

bordados, que diziam respeito a uma distinção social, principalmente entre os nobres e o povo.

Como cada cultura possui seu estilo e significado sobre o bordado, na Babilônia Antiga não foi diferente. Para reproduzir seus valores, costumes e tradições, os babilônios utilizavam motivos figurativos, humanos e animais, conjugando-se com elementos vegetais, com destaque para a roseta assíria, a "árvore da vida" e a palmeira. Estes bordados representavam tanto o ambiente físico em que eles viviam bem como suas práticas cotidianas, suas guerras e rituais religiosos. A Babilônia antiga era o centro de ricos bordados e rendas, como evidenciado por seus baixos-relevos. Nos relevos encontrados em paredes dos palácios, é possível compreender como a alta corte valia-se de vestimentas elaboradas, a semelhança das elaboradas para representar as divindades, como meio de ilustrar a existência de sua superioridade.

As diferenças de vestimentas entre os reis e os oficiais, bem como os cidadãos regulares e os estrangeiros, representadas em imagens, ilustram essa hierarquia, sendo as vestimentas e acessórios destes últimos grupos cada vez menos embriagados e elaborados. (Neumann, 2017, p.16).

Nos bordados desenvolvidos pelos egípcios, destaca-se a singularidade nos padrões geométricos criados com fios de ouro e miçangas sobre tecidos de algodão puro ou linho e o uso de miçangas. Devido ao clima muito quente, os egípcios vestiam-se com poucas peças dando ênfase aos acessórios, maquiagens e aos bordados. Estes ornamentos estavam destinados a aumentar o prestígio das realezas, valendo-se de motivos régios indo "muito além da simples satisfação pessoal, ou do gosto estético" (Silva, 1995, p.38) já que, neste período, não existia distinção entre os tipos de roupa. Assim, quanto mais bordados e drapeados tivessem maior seria o nível de riqueza.

A palavra miçanga é uma palavra de origem africana, masanga, que significa contas de vidro miúdas.

Estima-se que as contas de faiança (faience) foram inventadas no Egito ou na Mesopotâmia em torno de 4000 a.C. (Dubin, 1987:43). As contas de vidro aparecem mais ou menos simultaneamente na Ásia Ocidental, na região do Caucasus, na Mesopotâmia e no Egito em torno de 2340 a.C. (id.: 38, 43). Mas é no Egito que, em torno de 1350 a.C., funcionou, durante o chamado Novo Reinado, a primeira fábrica de produção de contas de vidro em grande quantidade, patrocinada pelos Faraós para seu consumo e o da corte. De

material exótico, o vidro se torna, no entanto, rapidamente acessível para o povo comum com certo poder aquisitivo (Lagrou, 2016, p. 24).

Na exposição “No Caminho da Miçanga: um mundo que se faz de contas”, realizada no Museu do Índio no Rio de Janeiro, em 2015, com curadoria da antropóloga Els Lagrou, mostra-se como as miçangas chegaram ao Brasil e como se estabeleceram em nossa cultura por força dos escambos gerados entre os europeus e os ameríndios. Rapidamente, esse material foi incorporado às nossas manifestações artísticas, como é o caso dos bordados presentes na festa folclórica do Bumba-meu-boi, festa popular predominante nas regiões Norte e Nordeste.

Importa ressaltar que as miçangas, tanto na antiguidade quanto nos novos tempos, passaram a ser utilizadas na produção de acessórios usados por quem não podia arcar com joias feitas com materiais mais nobres, a exemplo das pedras preciosas. Como pontua Lagrou (2016), com a invenção das contas de vidro e, antes delas, a faiança (uma precursora do vidro, feito em cerâmica com alto índice de concentração de quartzo produzindo um brilho colorido), o acesso a esta matéria-prima foi facilitado possibilitando sua produção em massa. Deste modo, a produção das miçangas representou uma alternativa para quem desenvolvia seus trabalhos de bordado popularizando seu uso e, assim, deixando de ser um trabalho presente apenas nos vestuários das cortes e realezas, para, então, fazerem parte das vestes populares.

Outro tipo de bordado no âmbito das raízes afro-brasileiras e muito utilizado nos terreiros de candomblé é a Barafunda. Feito em um tecido previamente desfiado, possui semelhanças com o crivo, o labirinto e a bainha aberta. Segundo Carlos Vinícius Pereira dos Santos², bordadeiro e candomblecista da região de Cachoeiras/BA, que aprendeu com a Mestra Makota Damuraxó Itana Neves, os pontos recebem nomes que muitas vezes remetem à natureza e a objetos da cultura afro-brasileira: flor de abóbora, roda de quiabo (planta de origem africana), espírito, semente de malva, fundo de balaios, percevejo e um dos mais tradicionais, o ponto asa de mosca.

² Reportagem sobre o bordado Barafunda em <https://www.artesol.org.br/carlosvinicius>. Acessado em fevereiro de 2024.

Fernanda Coelho, candomblecista no Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, informa que existem em média trinta e cinco pontos de barafunda. Não se sabe, ainda, a origem deste bordado. Fato é que chegou ao Brasil pelas mãos de negras escravizadas. Nas senzalas, como elas não ganhavam peças de roupas novas, estas mulheres passaram a adornar os tecidos rasgados, furados e surrados com estes pontos. A partir do reuso destes tecidos e peças velhas, as negras escravizadas ressignificam essas peças tornando-as delicadas e sensíveis. Atualmente, as linhas usadas para bordar são mais especiais (tipo esterlina), o tecido utilizado também é de melhor qualidade como a cambraia de linho.

A Barafunda ganhou mais importância nos terreiros de candomblé ao buscar a manutenção das tradições, memórias e costumes dos povos africanos. Se antes esta técnica foi quase extinta já que as mulheres tinham que bordar escondidas, hoje, com os cultos nos terreiros consolidados, este bordado ganha vida e retorna com força. No Ilê Axé Opô Afonjá, Fernanda Coelho ensina esta técnica para suas irmãs e outras pessoas interessadas em aprender:

As filhas de santo, antigamente, passavam um ano e meio dentro de uma roça, então, elas tinham que ter seus afazeres dentro do axé. E um dos afazeres que era muito importante era aprender a costurar suas próprias roupas de axé e aprender este bordado africano (Coelho, 2016)

O bordado manual das fibras naturais às diferentes linhas e miçangas, fia, desfia e customiza histórias que ornamentam corpos com símbolos diversos, que nos falam, entre outros, de distinção social, de divinização, de práticas cotidianas e religiosas. De ponto em ponto, com os materiais escolhidos, são criados desenhos que dão formas e traduzem os espaços culturais portadores, como nos terreiros, de memórias e tradição. As mãos que bordam e costuram sabem da importância desse ato para si e para a comunidade, são cômicas que performatizam a tradição secular que atravessou o Atlântico.

3 De ponto em ponto: inclusão de sujeitos negros e surdos

Nesta seção dialogar-se-á brevemente, sobre a inclusão sociocultural das pessoas surdas partindo-se da multiplicidade identitária que encontra-se nestas

comunidades surdas compreendendo que dentre as diversas identidades imbricadas em um sujeito surdo uma delas é a existência do ser negro.

Por muito tempo, foi defendida a ideia de que o homem possui uma identidade fixa mesmo sofrendo diversas influências culturais externas. Essa ideia surgiu na Europa do século XVIII, a partir do pensamento iluminista, através de alguns filósofos como Jean-Jacques Rousseau e Immanuel Kant. Esse movimento intelectual tinha como pilar a valorização da razão em detrimento da fé, compreendendo que o sujeito do iluminismo era dotado de uma essência única, central e que, por este motivo, iria permanecer com a mesma identidade ao longo de sua existência sem sofrer mudanças significativas (Hall, 2006). Stuart Hall (2006), porém, contrapondo-se a este pensamento, diz que a identidade é formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. Ele ainda complementa que a identidade é definida ao longo da história do indivíduo e não apenas pelo fator biológico.

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentirmos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu". (Hall, 2006, P.13)

Hall e outros autores dos estudos culturais trazem para o debate contemporâneo as múltiplas identidades culturais constituídas historicamente e nas relações de identificações com as dimensões sociais - gênero, raça, idade, profissão, estado civil, religiosidade e etc - e com os papéis sociais que desempenhamos. Identidades que vão "se esculpindo no tornar-se". (Moura, 2009, p. 83).

Hall também cita a globalização como um fator relevante na formação de identidades múltiplas à medida que povos passam a se cruzar e a se estabelecerem em espaços de outros. Em consequência desse trânsito global, surge o efeito de pertencimento identitário diverso e um efeito pluralizante sobre as identidades e novas posições de identificação.

É preciso, pois, refletir sobre as particularidades que caracterizam as identidades negras e surdas e como essas identidades são construídas no indivíduo, considerando a perspectiva das identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas (Hall, 2006).

Dificuldades de comunicação através da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) nos espaços públicos e privados e a pouca oferta de professores formados nesta Língua para atender a demanda nas redes de ensino, continuam privilegiando um caráter padronizado e homogêneo. Essas práticas sociais homogêneas dificultam a formação de outras identidades existentes entre os surdos e desvalorizam as manifestações culturais desses indivíduos, já que parte da sociedade ouvinte acredita ser necessário moldar as pessoas surdas a partir de uma lógica cultural padrão como, por exemplo, a utilização da língua portuguesa para a comunicação.

Através de estímulos visuais, essas manifestações vão variando de acordo com o interesse individual possibilitando sua interação com as outras culturas. Desta maneira, não apenas no universo artístico, mas também, em todas as outras esferas, o sujeito surdo busca interpretar as circunstâncias em que vive a partir de seus gestos corporais, possibilitando uma troca de experiências com outras culturas e, assim, permitindo-se moldar sua identidade. Sendo a surdez uma característica variada, suas identidades podem ser categorizadas de diversos modos ou grupos dentre os quais, encontra-se o dos negros surdos. Quanto a estes é de suma importância discutir a relação existente entre os termos diferença e identidade no que tange a estes sujeitos, como destaca Rita Furtado (2012) ao refletir com Tomaz Silva (1999):

A diferença tal como a identidade, não é um fato, nem uma coisa. Mas, diferença e identidade são um processo relacional. Ou seja, uma depende da outra. Assim, diferença e identidade só existem numa relação de mútua dependência. Nessa perspectiva, uma nomeia a outra, pois o que é (a identidade) depende do que não é (a diferença) e vice-versa (Silva, 1999 Apud Furtado, 2012, p. 4).

Em contrapartida, no contexto sociocultural contemporâneo brasileiro, diversas mudanças vêm ocorrendo de forma a gerar transformações significativas para a sociedade. Uma que podemos citar é a implementação da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), através da Lei nº 10.4362, de 2005, como língua oficial dos surdos, tornando-se um dos principais métodos de inclusão social dessa comunidade.

Compreende-se que muitos obstáculos ainda são enfrentados, principalmente, na formação educacional e cultural dentro das comunidades surdas, pois através da história da educação dos surdos, é possível observar que tais sujeitos tiveram suas identidades subjugadas pelo modelo ouvintista uma vez que, durante

séculos, acreditou-se que a surdez era considerada um defeito que deveria ser corrigido prejudicando suas particularidades culturais. (Cruz, 2016; Quadros, 1997).

Se por um lado ainda se está em luta pelo reconhecimento da condição e necessidades enquanto pessoas surdas, por outro, as questões referentes à identidade racial, apesar dos avanços alcançados, ainda carecem de implementação nos espaços educacionais, culturais e sociais. Vale lembrar que, há 17 anos, a educação foi contemplada com um respaldo legal que favorece a oferta de ensino mais engajado no âmbito das diferenças ou relações raciais. A Lei nº 10.639/03³ é elaborada como uma medida de reparação a uma dívida para com os grupos que, apesar de serem considerados minorias, na verdade fazem parte de mais de 50% de toda a população brasileira⁴. Quando o sujeito possui em seu corpo as marcas da negritude, é pertinente que ele adquira saberes sobre a cultura e história africana e afro-brasileira para que possa se reconhecer dentro dela e, assim, construir uma identidade que esteja em sintonia com seu passado. Assim:

A construção dessa nova consciência não é possível sem colocar no ponto de partida a questão de autodefinição, ou seja, da auto identificação dos membros do grupo em contraposição com a identidade dos membros do grupo “alheio”. (Munanga, 2019, p.13).

E para que essa autoidentificação se concretize é primordial que os debates sobre a história e a cultura negra sejam dialogados com os negros surdos. A Lei nº 10.639/03, que trata do ensino da História da África e cultura afro-brasileira, foi elaborada como uma medida de reparação a uma dívida para com os grupos que, apesar de serem considerados minorias, na verdade fazem parte de mais de 50% de toda a população brasileira⁵. Porém não basta apenas a criação de legislações para que as novas ideias sejam postas em prática. Como destaca Kabengele Munanga (2019) é inevitável que os agentes envolvidos na construção de um novo fazer estejam, de fato, comprometidos com esses saberes e construam práticas pedagógicas antirracistas que possam contribuir para a construção de uma identidade pautada nas relações étnico-raciais na comunidade negra.

³ Lei que orienta o ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira.

⁴ <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-populacao-chega-a-205-5-milhoes-com-menos-brancos-e-mais-pardos-e-pretos>. Acessado em fevereiro de 2024.

⁵ <https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&cat=-1,4,-3,128&ind=4643>. Acessado em fevereiro de 2024.

A respeito disso, o artigo de Elânia Oliveira (2013) sobre a aplicação da Lei nº 10.639/03 na educação de surdos, nos ensina que é preciso desnaturalizar o olhar a respeito das práticas pedagógicas e buscar um certo estranhamento para o que é realizado de forma rotineira, inserindo novas práticas cotidianas numa perspectiva de combate ao racismo como está proposto no ensino da História da África e Cultura Afro-brasileira e nas Diretrizes Nacionais a que estão associadas.

Historicamente, as comunidades surdas ainda possuem dificuldades de serem inseridas na sociedade. Mesmo com o surgimento da Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948, que tem em uma de suas ideias a igualdade entre as pessoas, o debate acerca da inclusão social de grupos minoritários, apesar de ter ganhado espaço continua a denunciar comportamentos excludentes e discriminatórios. Atualmente, a inclusão de surdos se dá no campo da comunicação, da inclusão tecnológica e principalmente por meio da educação que insere o surdo na sociedade, utilizando-se de diversificadas alternativas de ensino que proporcionam a interação interpessoal (Brasil, 2007). E no Brasil, essa inclusão é efetivada a partir da implementação de políticas públicas, como por exemplo a Lei nº 10.436/2005, citada anteriormente. Essas ações visam diminuir, ou na visão mais otimista, eliminar as desigualdades existentes entre os grupos sociais dominantes e os chamados grupos minoritários.

Tratar sobre a inclusão significa levar em conta os diferentes modos de vida que vão desde as condições materiais até as formas de organização presente em cada grupo. Assim, falar sobre um surdo abstrato, como se essa palavra pudesse dizer tudo desse ser humano, remete a uma hierarquização clínica, orgânica. Os surdos são pessoas que possuem diferentes formas de vida material e representam diferentes papéis sociais. Não se pode negar que, sem um aspecto imprescindível ao ser humano - a linguagem -, torna-se difícil abordar aspectos gerais e particulares das relações humanas. (Dorziat, 2004, p. 01)

Neste sentido, qualquer que seja o caminho a ser trilhado para a efetivação da inclusão das pessoas surdas na sociedade, é necessário compreender a importância que essas pessoas possuem e como o ambiente educacional favorece para a construção desta inclusão. Pois é a partir de um ambiente escolar acolhedor e inclusivo que os indivíduos surdos terão a oportunidade de expressar seus saberes e, com isso, conquistar seu pleno desenvolvimento individual. (Pereira, 2020).

4 O contexto de trabalho para a comunidade surda na cidade de canavieiras a partir de uma experiência pessoal

Partindo das análises expostas nos tópicos acima, será, aqui, apresentada uma proposta pedagógica em arte-educação, a partir das práticas do bordado manual, desenvolvida para e com a comunidade surda da Cidade de Canavieiras, no sul do estado da Bahia.

Um dos grandes desafios ainda vivenciados pelos indivíduos surdos é o ingresso no mercado de trabalho não apenas como um simples trabalhador mas, principalmente, como profissional qualificado. Fomentar a autoestima dessas pessoas, estimular a geração de renda e, principalmente, compreendê-las pelo viés da diferença e não da deficiência, é, antes de tudo, “considerá-las como sujeitos possuidores de identidade(s) e cultura próprias, caracterizadas por uma forma singular de ler o mundo e com ele interagir, na qual o sentido da visão ocupa um lugar privilegiado” (Santos, 2018). E essa dificuldade está muito presente na realidade dos surdos canavieirenses. A criação de um grupo institucionalizado chamado “Associação de Surdos de Canavieiras” (ASSUC) permite que se organizem em busca de melhores condições sociais.

Esta associação oferece, além de encontros comemorativos, curso de Libras para pessoas ouvintes e foi a partir deste curso que foi possível a oportunidade de conhecê-las enquanto sujeitos surdos que frequentam a associação e, também, entender como era a rotina destes na cidade.

Foi no ano de 2019, ao realizar um atendimento para a presidente da ASSUC, Roberta Oliveira, no Ministério Público do Estado da Bahia, na condição de servidora pública desta instituição, que me foi possível compreender a realidade dessas pessoas: falta de acessibilidade nos espaços públicos e privados, dificuldade em terem os direitos civis reconhecidos, ausência de oportunidades profissionais, ineficiência das instituições de ensino, dentre outros problemas. A partir deste contato, foi possível, em conjunto com a Promotora de Justiça Cintia Guanaes e o Promotor de Justiça Márcio Oliveira, inaugurar na cidade o projeto “Educação Inclusiva: Todas

as Escolas são para Todos os Alunos”. Para a efetivação do curso, o Ministério Público do Estado da Bahia / MPBA assinou um Termo de Cooperação com a Secretaria Municipal de Educação, que viabilizou o retroprojeto, a ONG Giardino Degli Angeli, que cedeu o espaço para as aulas e com a própria ASSUC, que disponibilizou materiais para a prática do bordado (paetês, miçangas, canutilhos, tecidos, agulhas, linhas, tesouras, bastidores). Como desdobramento da inauguração elaborei o “Mãos que Falam e Bordam” iniciando o curso “Arte-educação para surdos: um diálogo sobre a cultura afro-brasileira através do bordado” como uma ação dentro dos referidos projetos.

Foram dez encontros, durante três meses, que possibilitaram uma reflexão crítica sobre suas identidades e as questões étnico-raciais que presenciam no dia a dia. A turma foi composta por dois homens e oito mulheres com idade entre 30 e 60 anos, em sua maioria estudantes de Educação de Jovens e Adultos - EJA e apenas três deles manifestando noções de bordado. Ainda sobre o perfil, no do grupo, havia um pescador, todas as mulheres não possuíam profissão e duas delas eram mães. Dentre estas, destaca-se Jusseane, mãe de um menino ouvinte que se comunica com ela através da linguagem de sinais. A presidente da associação participou do curso junto com seu companheiro, que também é integrante da associação.

O conteúdo do curso foi criado a partir de um conto sobre a diáspora africana, chamado “Estou voltando...” do escritor Agamenon Troyan, que foi adaptado para melhor compreensão pelos surdos. O texto narra a história de uma jovem angolana, uma princesa, que é raptada em sua terra natal, como descreve a personagem, por “homens estranhos e pálidos”. Enquanto estava em uma praia, ela foi acorrentada e levada para América para ser escravizada. A jovem presencia, durante o trajeto no navio, as práticas violentas que os negros presos sofriam. Não aguentando, já em terra, decidiu fugir mas foi capturada por um capitão do mato. Os anos se passaram, mas a tão sonhada liberdade não. Revoltada e indignada com o modo que eles torturavam seu povo, fugiu novamente encontrando outros negros fugidos que mostraram um quilombo onde estava sendo mantido e protegido por escravos. “Ali ela aprendeu a manejar armas e, principalmente a ensinar às crianças o valor da cultura africana. Também foi ali que conheceu seu marido, pai de seus filhos.” As leis começaram a vigorar, embora lentamente, para o fim da escravatura.

Ela viu seus netos e depois de um tempo decidiu ir ao mar, dizendo ao pais e avós: “Estou voltando...”

Este texto foi escolhido durante uma breve pesquisa na internet sobre textos que dialogam sobre a diáspora negra. A ideia era encontrar um texto pequeno que eu tivesse uma facilidade em traduzir para a Libras com informações lúdicas, porém objetivas, de como aconteceu um dos principais acontecimentos da vinda dos negros africanos para o Brasil. Na época, pensei nos contos e fui em busca disto.

Depois da primeira leitura e, considerando que a turma era composta por 10 (dez) participantes, eu dividi o texto em 10 (dez) parágrafos. A partir daí eu iniciei a construção dos planos de aulas. Cada aula se referiu a um parágrafo, pois a ideia era dialogar com eles sobre cada ponto do que o conto apresenta. Com ilustrações, imagens e vídeos o conto era retratado nas apresentações criadas para o Data-show a fim de gerar entendimento e ideias que seriam utilizadas nos momentos práticos do curso. Os principais elementos trabalhados faziam referências à culinária, à dança, aos elementos da natureza que dialogam com a religiosidade africana e à indumentária.

Porém, eu não pretendia manter um curso apenas com imagens e conversas em Libras, pois eu tinha conhecimento que todos eles haviam ingressado na EJA e estavam aprendendo a ler na Língua Portuguesa. Assim, considerei importante elaborar uma didática interdisciplinar com a leitura do texto em Português. Por outro lado, eles não dominavam a leitura do português com desenvoltura, então, eu optei por uma tradução que facilitasse a leitura deles. Sabe-se que, a partir de estudos desenvolvidos por Andrei Meire e Priscila Silva (2018), no processo inicial de aprendizado da língua portuguesa pelos estudantes surdos, eles, raramente, utilizam verbos de ligação, uso de preposições e conjunções. Deste modo, priorizei traduzir o texto para um português sem a norma culta da língua, ou seja, sem as flexões verbais e nominais além dos conectivos para facilitar a leitura dos alunos.

As trocas de aprendizagens eram constantes, eu ensinava o bordado e eles me ensinavam libras, e foi a partir desta proposta que surgiu a criação de dois sinais referentes aos materiais: miçanga e vidrilho. Isso porque quem cria sinais para as palavras são os próprios surdos. Eles primeiro absorvem o significado da palavra para, em seguida, elaborar o sinal.

Priscilla Ferreira (2018) enfatiza que as ações elaboradas a respeito da temática sobre a história e a cultura negra para a comunidade surda são de extrema urgência uma vez que não encontramos trabalhos efetivos ou, caso existam, ainda não estão sendo implementados de modo eficaz. Para além disso, Karin Strobel e Gladis Perlin (2008), pesquisadoras surdas, compreendem que o contexto educacional do aluno surdo necessita ser construído a partir da visualidade para satisfazer as demandas envolvidas em sua formação cultural. Assim, privilegiando uma didática imagética, os participantes conheceram as diversas representações de realza africana, compreenderam como alguns alimentos foram incorporados na nossa cultura e descobriram que alguns elementos naturais existentes na cidade de Canavieiras, como o manguezal e a praia, fazem parte das religiões de matriz africana através dos orixás. Os participantes não apresentaram dificuldades durante o curso apesar de alguns deles nunca terem tido contato com ferramentas do bordado, como as agulhas.

O curso, enquanto proposta artístico-pedagógica, buscou despertar um sentimento de pertença e construção de uma autoestima sobre a identidade negra surda bem como resgatar uma atividade que, de acordo com Maisa Ferreira de Sousa (2012), durante a maior parte da história da arte-educação, foi posta como atividade de menor valor imbuída de um caráter pejorativo.

Figura 1: Bordado da Princesa Angolana.



Fonte: Acervo pessoal, aluna Kelly (2019).

Figura 2: Bordado do orixá Nanã.



Fonte: Acervo pessoal, aluna Jusseane (2019)

Ao considerar as práticas artísticas, em específico a arte do bordado como importante instrumento de inclusão, seja para compartilhamento de saberes ou para diminuição de barreiras sociais, físicas e econômicas, essa iniciativa buscou sensibilizar o público surdo para a prática do bordado não apenas como um fazer manual, mas também, como um fazer artístico profissional tornando-o um instrumento de empoderamento e contribuindo para uma maior inserção na sociedade brasileira.

Como desdobramentos dos trabalhos apresentados, combinamos de expor e comercializar seus trabalhos. A exposição seria montada no hall da Escola de Hotelaria Planet Panzini. Entretanto, essa etapa ainda não aconteceu devido à pandemia. Porém, o contato com essa comunidade surda me motivou a iniciar estudos em uma Pós-graduação lato sensu em Interpretação, Tradução e Docência em Libras e abriu a oportunidade de ministrar atividades sobre a cultura surda para os profissionais da educação da cidade que trabalham com estudantes surdos.

5 Conclusão

A intenção deste artigo foi realizar uma breve análise sobre a relação entre a educação das relações étnico raciais e da educação inclusiva para estudantes surdos a partir de atividades desenvolvidas com bordados manuais. Pretendeu-se, neste sentido, apresentar uma proposta didática desenvolvida para uma comunidade surda localizada na cidade de Canavieiras, localizada na região sul do estado da Bahia.

Para tanto, foram pontuadas algumas referências relativas ao processo histórico do bordado manual a partir de uma perspectiva afrocentrada, tais como os bordados encontrados na Babilônia antiga, com seus trabalhos decorativos utilizando, dentre outros materiais, fios de ouro; o uso de miçangas no Egito e como estes materiais surgiram e chegaram até o Brasil e o bordado chamado Barafunda, bordado esse desenvolvido por mulheres escravizadas e que passaram a ser muito utilizados nos terreiros de candomblé.

Em seguida, foi relevante sinalizar como as pessoas surdas apresentam múltiplas identidades permitindo que, dentre tantas opções, encontremos a categoria dos negros surdos e como as práticas educativas precisam dialogar de modo efetivo para o desenvolvimento da inclusão social adequada destas pessoas.

Por fim, apresentou-se uma proposta de trabalho, no âmbito da arte educação para pessoas surdas, com a intenção de compartilhar práticas educativas que possam favorecer o pleno desenvolvimento destas pessoas tanto a nível educacional quanto social.

Esse trabalho não pretende se esgotar em uma única experiência, pois acredito que ele possa contribuir para que negros surdos de outras regiões tenham mais conhecimentos sobre suas raízes. É um projeto que visa empoderar negros e negras surdas e fazer com que eles se sintam mais fortalecidos e atuantes na sociedade.

Ao considerar as práticas artísticas, em específico a arte do bordado, como importante instrumento de inclusão, seja para compartilhamento de saberes ou para diminuição de barreiras sociais, físicas e econômicas, essa iniciativa busca sensibilizar o público surdo para a prática do bordado não apenas como um fazer

manual, mas também, como um fazer artístico profissional tornando-o um instrumento de empoderamento e contribuindo para uma maior inserção na sociedade brasileira.⁶

Referências:

BRASIL. **Lei Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm> . Acesso em: 21 fev. 2024.

BRASIL. **O Tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa/** Secretaria de Educação Especial. Disponível em: <<https://www.gov.br/mec/pt-br/media/publicacoes/semesp/tradutorlibras.pdf>>. Brasília: MEC; SEESP, 2007. 2ª Ed. Acesso em: 21 fev. 2024.

LEI nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm> . Acesso em: 21 fev. 2024.

CRUZ, Andreza N. R. da. **Aula de arte para-com surdos:** criando uma prática de ensino. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/143081/cruz_anr_me_ia.pdf;jse_sionid=3B6ADCB6F21BF2463C4C6A826255789?sequence=3> . Acesso em: 21 fev. 2024.

DORZIAT, Ana. **Educação de surdos no ensino regular:** inclusão ou segregação? Revista do Centro de Educação, nº 24, ANO 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/4921>> . Acesso em: 21 fev. 2024.

FERREIRA, Priscilla L. A. **O ensino das relações étnico-raciais nos percursos de escolarização de negros surdos na educação básica.** Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Programa de Pós Graduação em Ensino – PPGEn, Vitória da Conquista, 2018. Disponível em: <<http://www2.uesb.br/ppg/ppgen/wp-content/uploads/2019/02/DISSERTA%C3%87%C3%83O-FINAL-PRISCILLA-LEONNOR.pdf>> . Acesso em: 21 fev. 2024.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LAGROU, Els. **No caminho da miçanga:** um mundo que se faz de contas / Els Lagrou (organização) – Rio de Janeiro : Museu do Índio, 2016.

MEIRA, Andrei Porto e SILVA, Priscila Custódio de Brito. **Leitura e escrita de surdos:** dificuldades ainda enfrentadas na escolarização. Revista Educação Pública.

⁶ Revisor gramatical: Janaína Nery Viana, LATTES: <http://lattes.cnpq.br/7825724803208592>

Fundação CECIERJ. Edição V.16, Ed.1, ANO 2018. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/18/20/leitura-e-escrita-de-surdos-dificuldades-ainda-enfrentadas-na-escolarizao>>. Acesso em 21 fev. 2024.

MOURA, Solange Maria de Souza. **Tecendo olhares do ser negro**: a dinâmica do ensino de arte na produção de espaços de pertencimento de afrodescendentes / Solange Maria de Souza Moura. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/29820>> . Acesso em: 21 fev. 2024.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. 5 ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. (Coleção Cultura Negra e Identidade)

NEUMANN, Kiersten. **Gods Among Men: Fashioning the Divine Image in Assyria**. in: What Shall I Say of Clothes? Theoretical and Methodological Approaches to Dress in Antiquity, eds. M. Cifarelli e L. Gawlinksy, Selected Papers in Ancient Art and Architecture 3, 3-23 (Archaeol Instituto Ogical da América, Boston, MA, 2017). Disponível em: <https://www.academia.edu/31086089/Gods_Among_Men_Fashioning_the_Divine_Image_in_Assyria>. Acesso em: 21 fev. 2024. Tradução e adaptação: Mare Nostrum - Barbara C. L. da Silva. Disponível em: <[Deuses entre homens: moldando a imagem divina na Assíria | MARE NOSTRUM | omarenostrum.blogspot.com](https://omarenostrum.blogspot.com)> Acesso em: 21 fev. 2024.

OLIVEIRA, Elânia de. **A Lei 10.639/2003 e a Escola de Educação Especial**: um desafio a mais para a formação de professores. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 47, p. 85-95, jan./mar. 2013. Editora UFPR. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/31340/20048>> . Acesso em: 21 fev. 2024.

PEREIRA, Elaine Jansen. **Mãos que Falam e Bordam**: Ensino da Cultura Afro-brasileira para Surdos através do Bordado. 8ª Jornada de Educação e Relações Étnico-raciais do MAR, Rio de Janeiro, Brasil, 2020, p.157-164. Disponível em:<<https://museudeartedorio.org.br/wp-content/uploads/2022/11/EBOOK-VIII-JORNADA-DE-RELACOES-ETNICO-RACIAIS-MAR.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2024.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de Surdos** - A aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

SANTOS, Paulo José Assumpção dos. **Ensino de História para alunos surdos em classes inclusivas**: práticas e propostas. Dissertação de Mestrado. Mestrado Profissional de Ensino de História. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.

SILVA, Maria Regina M. Batista. **O universo da bordadeira**: estudo etnográfico do bordado em Passira. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/16973/1/39S586u%20Disserta%c3%a7%c3%a3o.pdf>> , Acesso em: 21 fev. 2024.

SOUSA, Maisa Ferreira de. **O bordado como linguagem na arte/educação.** 2012, Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/4494/1/2012_MaisaFerreiradeSousa.pdf>

Acesso em: 21 fev. 2024.

STROBEL, Karin; PERLIN, Gladis. **Apostila Fundamentos da educação de surdos.** Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura e Bacharel em Letras/ Língua Brasileira de Sinais. Florianópolis, 2008. Disponível em <https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificafundamentosDaEducacaoDeSurdos/assets/279/TEXTO_BASE-Fundamentos Educ Surdos.pdf>

Acesso em: 21 fev. 2024.

Data de submissão: 30/11/2023
Data de aceite: 07/03/2024
Data de publicação: 26/03/2024